



**ANAIS**

**XI Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo  
Contemporâneo  
XI Colóquio Nacional Cultura e Poder  
X Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos sobre  
Religiões e Religiosidades  
VI Simpósio Regional da ABHR/Sul**

**Laboratório de  
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

**Universidade Estadual de Londrina (UEL)**

**2025**

**GT 8 – (Antropologia das formas expressivas: materialidades  
que promovem e intermediam relações.)**

# UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS OBJETOS ETNOGRÁFICOS BOE (BORORO) E EJIWAJEGI (KADIWÉU) NO MUSEU DAS CULTURAS DOM BOSCO (CAMPO GRANDE/MS)

Gláucia Frederico Dutra e Silva (UFMS-PG)<sup>1</sup>

Maria Raquel da Cruz Duran (UFMS-PQ)<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é de apresentar um projeto de pesquisa em fase inicial, que visa realizar um estudo comparativo entre os objetos etnográficos das etnias Boe<sup>3</sup> e Ejiwajegi<sup>4</sup> presentes no Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB) em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Através de uma investigação antropológica das dinâmicas narrativas do MCDB, me proponho a explorar como as coisas<sup>5</sup> e as práticas museológicas contribuem para a elaboração e expressão das etnias Boe e Ejiwajegi. O MCDB, uma instituição com vasto acervo, destaca-se por sua exposição etnográfica, incluindo objetos das etnias mencionadas, entre outras. A pesquisa utilizará metodologia etnográfica e observação direta para investigar como o museu expõe, dialoga e propõe o olhar sobre esses objetos. A expectativa e/ou desafio deste estudo é que ele contribua para uma reflexão crítica sobre o papel da antropologia das artes e dos museus na formação das relações culturais, especialmente no contexto das comunidades indígenas. O estudo poderá fornecer percepções para o desenvolvimento de estratégias mais inclusivas e dinâmicas na gestão museológica e na promoção do diálogo intercultural.

**Palavras-Chaves:** Museu das Culturas Dom Bosco. Exposição etnográfica. Etnias Boe e Ejiwajegi. Antropologia dos museus e da arte.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa e exposição das culturas indígenas em espaços museológicos desempenham um papel fundamental na promoção da diversidade cultural e no reconhecimento dos legados históricos e culturais desses povos. No cenário específico do município de Campo Grande/MS, a etnografia assume uma relevância significativa devido à expressiva presença de povos originários na região. Conforme dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, Mato Grosso do Sul abriga uma das maiores

---

<sup>1</sup> Mestranda em Antropologia Social; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Campo Grande/MS – Brasil; glaucia.dutra@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Antropologia Social; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Campo Grande/MS – Brasil; raquel.duran@gmail.com

<sup>3</sup> Os Bororo, se autodeclaram Boe, “pessoa, gente ou povo”. (Kiga, 2021, p. 14).

<sup>4</sup> Os Kadiwéu, se autodeclaram Ejiwajegi, Eyigua-yegi, “povo da palmeira Eyiguá” (Sanchez-Labrador, 1910, p. 266-268 *apud* Duran, 2015, p. 1),

<sup>5</sup> Conforme o projeto do Grupo de Pesquisa: Antropologia dos Museus e das Artes (GAMA) da UFMS/Campo Grande, sob a coordenação da docente Maria Raquel da Cruz Duran, o qual faço parte, “Assim, entendemos os objetos etnográficos como legados culturais que estão em permanente alteração em relação ao que são, de como existem no mundo, pois podem ser veículos de muitas potências do ser, isto é, são frutos do fazer e do saber fazer da humanidade (Primo, 1999). E, por tudo isso, têm sido chamados mais recentemente de coisas (Holbraad et al, 2007; Mitchell, 2005; Santos Granero, 2009b; Ingold, 2012)” (Duran, 2024).

populações indígenas do Brasil, com aproximadamente 116,3 mil indígenas, sendo Campo Grande a cidade com a maior população indígena, totalizando 18.439 pessoas. Diante desse contexto, surge a necessidade de compreender como as culturas indígenas são vistas, percebidas e expostas no contexto específico dos museus da cidade, com foco no Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB) e nas etnias Boe e Ejiwajegi.

Essa pesquisa propõe um estudo comparativo entre os objetos etnográficos Boe e Ejiwajegi de coleções formadas no MCDB. Para alcançar o cerne dessa investigação, é crucial considerar os saberes antropológicos e museais, estabelecendo um diálogo com uma variedade de autores, incluindo Abreu (2005), Boas (2004), Cury (2016), Duran (2021), Gonçalves (2007), Goldstein (2012), Morphy (2008), Primo (1999), entre outros.

O MCDB em Campo Grande/MS, é uma instituição com um importante acervo que abrange diversas áreas, incluindo Arqueologia, Etnologia, Mineralogia, Paleontologia e Zoologia (Ferreira, 2010, p 40). Fundado em 1951 pela Missão Salesiana de Mato Grosso com o propósito inicial de preservar a cultura material dos povos indígenas, o museu tem uma exposição etnográfica notável, destacando as culturas dos povos Boe e Xavante, primeiras etnias com as quais os salesianos tiveram contato. Ao longo dos anos, o museu expandiu seu acervo e redimensionou suas atividades, tornando-se uma referência no estado de Mato Grosso do Sul. Em 2005, foi transferido para um novo espaço dentro do Parque das Nações Indígenas<sup>6</sup>, um ambiente de lazer popular em Campo Grande, proporcionando uma conexão entre o museu e a população local. Essa localização privilegiada permite que o museu mantenha uma forte ligação com as populações indígenas e não indígenas, formando um conjunto único que combina o natural e o cultural (Ferreira, 2010). A exposição etnográfica do MCDB conta com um dos acervos mais importantes do continente sul americano, com objetos que compõem as coleções expressivas da cultura material de povos indígenas do Centro-Oeste e da Amazônia (Ferreira, 2010).

Este estudo buscará investigar como o museu expõe, dialoga e propõe o olhar sobre esses objetos. Inspirando-se na definição do Conselho Internacional de Museus (ICOM)<sup>7</sup> sobre o papel dos museus:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus

<sup>6</sup> Sua localização anterior era no prédio Pia Lame na Rua Barão do Rio Branco e com a denominação: Museu Dom Bosco, mas que ficou conhecido popularmente como Museu do Índio.

<sup>7</sup> Definição aprovada em 24 de agosto de 2022, durante a Conferência Geral do ICOM em Praga.

In: Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/UDEL), 2025, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2025.

fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos” (ICOM, 2022).

Segundo Maria Eunice Maciel e Regina Abreu (2019), a antropologia dos museus emerge como um campo específico de estudos e pesquisas, no qual o desafio reside em repensar o papel dos museus, especialmente os antropológicos e/ou etnográficos, e refletir, sob uma perspectiva antropológica, sobre o impacto da instituição “museu” nas relações sociais e na produção da diversidade cultural contemporânea. Elas apontam para a crescente importância dos museus como espaços de estudo, pesquisa e disseminação do conhecimento antropológico.

Surge, portanto, a seguinte questão: Como as narrativas museais presentes no MCDB expõem e dialogam as culturas indígenas Boe e Ejiwajegi, e de que forma são percebidas essas coisas e internalizadas pelo público visitante? Este questionamento abre espaço para uma reflexão mais profunda sobre o papel dos museus na construção e transmissão de conhecimentos sobre as culturas indígenas, bem como sobre as dinâmicas de diálogo e manifestação cultural presentes nesses espaços.

## Objetivos da Pesquisa

O estudo comparativo entre os objetos etnográficos nas coleções de povos indígenas, dentro de um museu, oferece uma oportunidade para revelar suas singularidades, ao elucidar as dinâmicas sociopolíticas que as moldam. Simultaneamente, abre espaço para a ressurgência daquilo que foi esquecido em novos contextos, em diferentes usos e por distintos protagonistas, cujas memórias podem ser reavivadas não apenas pelos artefatos preservados no museu, mas também pelo modo com que produz suas narrativas.

A presença significativa de populações indígenas em Mato Grosso do Sul, com destaque para Campo Grande, torna essencial compreender como as expressões culturais indígenas são reinterpretadas e percebidas nos museus da região. O MCDB, com seu vasto acervo e exposição etnográfica notável<sup>8</sup>, oferece uma oportunidade única para realizar essa investigação, contribuindo para uma reflexão do contexto dos povos originários.

<sup>8</sup> O acervo do MCDB conta com aproximadamente 43.941 peças englobando as seguintes coleções: Arqueologia (458 objetos); Etnografia (cerca de 10.000 objetos e fotos das etnias indígenas Bororo, Xavante, Karajá, Moro, Povos do Rio Uaupés e de Mato Grosso do Sul); Paleontologia (2.700 objetos); Mineralogia (783 minerais); e Zoologia (cerca de 30.000 espécies, entre moluscos, insetos, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos (Ferreira, 2010, p. 40).

A pesquisa tem como objetivo realizar um estudo comparativo entre os objetos etnográficos Boe e Ejiwajegi no MCDB. A minha escolha por essas etnias é motivada pela relevância cultural e histórica de ambas. A etnia Boe é reconhecida pela sua expressão artística rica e pelo vínculo estabelecido com os salesianos, sendo o MCDB um espaço inicialmente concebido para destacar suas manifestações culturais. Esta etnia foi uma das duas a ter contato prolongado com os salesianos, resultando em uma exposição expressiva, trabalhada pelo museu ao longo de um extenso período. Na reinauguração do novo prédio, onde o museu está atualmente localizado, a exposição recebeu cuidados especiais em sua concepção. Conforme destacado por Calarge (2013, p. 229):

[...] toda a pesquisa artística que resultou nessa exposição foi desenvolvida em uma “curadoria compartilhada”, que contou com a participação dos bororos na construção das estruturas e na disposição dos objetos, seguindo primazia e relevância. Foram eles também que aconselharam o tratamento especial a objetos tabu contidos no acervo e que deveriam receber tratamento especial.

### **Prática de Curadoria e Dinâmicas Culturais**

A curadoria compartilhada é uma prática que articula a esfera educativa da exposição e a atividade do curador. Ela não se restringe a problematizar a obra de arte ou a esfera de atuação do artista, mas sim, toda uma rede de agentes culturais que, mesmo não sendo evidente ao público não especialista, confere sustentação à prática artística (Dutra, 2014). No caso citado, os Boes cooperaram na pesquisa e oferecerem uma contribuição valiosa e singular. Essa abordagem reflete um compromisso do MCDB em reconhecer e valorizar os saberes e perspectivas dos povos indígenas, alinhando-se aos novos objetivos do ICOM em promover a inclusão, diversidade e engajamento comunitário na apresentação do patrimônio cultural, demonstrando uma renovação na tradicional forma de curadoria.

**Figura 1** – Visão geral da Coleção Povo Boe - Bororo | Albisetti & Venturelli no MCDB.



**Fonte:** o próprio autor.

**Figura 2, 3, 4 e 5** – Coleção Povo Boe - Bororo | Albisetti & Venturelli no MCDB.



**Fonte:** o próprio autor.

Além disso, destaco a importância da etnia Ejiwajegi em minha pesquisa. Esta etnia merece igual reconhecimento e atenção, especialmente quando considerada ao lado da etnia

Boe. Suas histórias, tradições e estilo de vida contribuem significativamente para a diversidade cultural do estado, merecendo valorização e respeito. O estudo da etnia Ejiwajegi não apenas enriquece nossa compreensão da diversidade étnica e cultural, mas também fortalece os laços de entendimento e cooperação entre diferentes grupos étnicos, promovendo uma sociedade mais inclusiva. Ademais, sua rica tradição artística é de grande relevância para a Antropologia das Artes, conectando passado e presente e contribuindo para o reconhecimento e valorização da diversidade cultural.

**Figura 6, 7, 8, 9 – Coleção Povos de Mato Grosso do Sul (Ejiwajegi).**



**Fonte:** o próprio autor.

O trabalho de Franz Boas (2004) no início do século XX revolucionou a antropologia e os museus etnográficos, destacando-se pelo culturalismo e particularismo histórico. Sua abordagem inovadora na exposição de arte indígena buscava contextualizar os objetos em seu ambiente cultural original, permitindo aos visitantes entender seu significado a partir da perspectiva dos nativos. Ele enfatizava a importância de apresentar os objetos de forma a captar a atenção do público, garantir sua compreensão real e proporcionar acesso ao "ponto de vista do nativo"(BOAS, 2004). Boas reconhecia que os objetos carregam múltiplos sentidos que só podem ser compreendidos plenamente dentro de seu contexto cultural mais amplo. Este estudo busca entender sua influência na concepção e prática do MCDB.

Ao dialogar com esses referenciais teóricos, a pesquisa busca lançar luz sobre as dinâmicas de interpretação cultural e as estruturas de poder explícitas nas práticas

museológicas. Por meio desta pesquisa, espera-se contribuir para uma reflexão crítica sobre o papel dos museus na salvaguarda das coisas dos povos indígenas, promovendo uma maior visibilização sobre as questões de constituição identitária e direitos dos povos originários.

Portanto, este estudo se justifica pela relevância de compreender como as teorias antropológicas auxiliam a prática museológica. Ao analisar o MCDB sob essa perspectiva, espera-se contribuir para uma compreensão mais profunda das dinâmicas entre antropologia e museologia.

## Metodologia e Reflexão Crítica sobre os Museus

O presente estudo será realizado com uma metodologia comparativa e etnográfica, com foco nos objetos etnográficos Boe e Ejiwajegi. Esta escolha se fundamenta na compreensão da prática etnográfica como um método essencial na antropologia, conforme argumentado por Clifford Geertz (2008):

Em antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento (Geertz, 2008, p. 4).

A observação será utilizada para conhecer o tema que proponho neste estudo, através da imersão no ambiente do MCDB, com observações realizadas durante um período estipulado e visitas regulares. A metodologia está fundamentada em teorias e conceitos da antropologia abordados por Gonçalves (2007), Holbraad et al (2007), Mitchell (2005), Santos Granero (2009b), Ingold (2012), entre outros autores, destacando a importância das coisas na elaboração de saberes e fazeres indígenas e na expressão cultural dessas sociedades.

A metodologia proposta combina elementos provenientes da ciência antropológica: revisão de bibliografia especializada, trabalho de campo, métodos comparativos e etnográficos. Espera-se, por meio dessa abordagem, contribuir para uma reflexão sobre o papel dos museus na comunicação e promoção do diálogo intercultural, interpretando, expondo, fomentando a reflexão e o compartilhamento de conhecimento.

De acordo com Oliveira (2007), a prática de adquirir objetos étnicos em museus resulta em abstrações sociológicas ao desvincular os artefatos de seus contextos usuais e cerimoniais, resultando, assim, no congelamento da história e da capacidade reflexiva. Ao

conceber os museus como locais onde estão armazenados não apenas símbolos, mas também sentimentos, Oliveira enfatiza a importância de uma abordagem que promova uma “historicização radical” dos processos de colecionamento, a fim de discutir “o jogo de forças que envolvem a aquisição, classificação e exposição de objetos etnográficos” (Oliveira, 2007, p. 73), e, dessa forma, produzir conhecimento que derive da investigação da formação, organização e interconexão ocorridas nesse processo.

Oliveira destaca que essa postura teórica e metodológica mencionada anteriormente “é uma pré-condição para o surgimento de novas utilizações e intervenções políticas, promovendo abordagens mais plurais e democráticas do imenso poder de representação que os museus possuem” (Oliveira, 2007, p. 76). Portanto, se este estudo tem como objetivo criar condições que permitam uma maior compreensão e análise crítica por parte do público, ele também deve explorar as diversas maneiras pelas quais esses objetos são utilizados, a fim de capacitar as comunidades envolvidas a desenvolverem suas próprias narrativas sobre essas coleções.

## CONCLUSÃO

O presente estudo, ao propor um comparativo entre os objetos etnográficos das etnias Boe e Ejiwajegi no Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB), destaca a importância de entender como o museu expõe, dialoga e propõe o olhar sobre esses objetos, através do papel dos museus na reflexão e partilha de conhecimentos sobre as etnicidades em ação. As abordagens metodológicas empregadas, fundamentadas na etnografia e na observação de campo, visam revelar as singularidades de cada etnia, as dinâmicas de poder que permeiam a representação museológica e a comparação desses objetos etnográficos.

Observou-se que o MCDB desempenha um papel significativo na preservação e valorização das culturas Boe e Ejiwajegi, utilizando práticas de curadoria que respeitam e promovem os saberes locais. Essa abordagem reflete um compromisso em transformar a experiência do visitante, permitindo uma apreciação mais profunda das culturas representadas.

A pesquisa também aponta para a necessidade de uma reflexão crítica acerca das narrativas museais, ressaltando que os objetos não são meros artefatos, mas portadores de significados que estão intimamente ligados ao contexto cultural de suas origens. Assim, a maneira como esses objetos são expostos no museu pode alterar a compreensão que o público tem sobre as culturas indígenas, promovendo diálogos que vão além da mera visualização

estética.

Espera-se que esta pesquisa contribua para um melhor entendimento do papel dos museus na reflexão e partilha de conhecimentos sobre as etnicidades em ação, especialmente no contexto dos povos Boe e Ejiwajegi. Além disso, pretende-se que os resultados obtidos possam fornecer percepções para o desenvolvimento de estratégias mais inclusivas e dinâmicas na gestão museológica e na promoção do diálogo intercultural, fomentando a diversidade e comunicando informações valiosas para promover uma abordagem mais sensível e reflexiva em relação as novas perspectivas sobre as expressões culturais em constante fluxo presentes nesses espaços.

10

## REFERÊNCIAS

**ABREU, R.** *Museus etnográficos e práticas de colecionamento: antropofagia dos sentidos*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v. 31, p. 101-125, 2005.

**BOAS, Franz.** "Os princípios da classificação etnológica" e "As funções educativas dos museus antropológicos". In: **STOCKING Jr., George W.** (Org.). *Franz Boas – A formação da Antropologia americana – 1883–1911: antologia*. Rio de Janeiro: Contraponto/UFRJ, 2004. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4621564/mod\\_resource/content/1/Boas,%20Franz%20-%20A%20formação%20da%20antropologia%20americana%201883-1911.%20Antologia..pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4621564/mod_resource/content/1/Boas,%20Franz%20-%20A%20formação%20da%20antropologia%20americana%201883-1911.%20Antologia..pdf). Acesso em: 18 maio 2024.

**CALARGE, Cátia Fernanda Carvalho.** *A metáfora museográfica da organização social Bororo no Museu das Culturas Dom Bosco*. TELLUS (UCDB), v. 13, p. 217-229, 2013.

**CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS (ICOM).** Disponível em: [http://www.icom.org.br/?page\\_id=2776#](http://www.icom.org.br/?page_id=2776#). Acesso em: 23 maio 2024.

**CURY, Marília Xavier.** *Museu, museografia e gestão de coleções indígenas: legislação e ética*. Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, João Pessoa/PB, GT21, 3 a 6 ago. 2016.

**DURAN, Maria Raquel da Cruz.** *Padrões que conectam: o Godidigo e as redes de socialidade Kadiwéu*. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo (PPGAS-USP), São Paulo.

**DURAN, Maria Raquel da Cruz.** *Leituras antropológicas sobre a arte kadiwéu*. Cadernos de Campo (São Paulo), v. 24, n. 24, p. 43–70, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/97466>. Acesso em: 24 maio 2024.

**DURAN, Maria Raquel da Cruz.** *Grupo de Pesquisa: Antropologia dos museus e das artes (GAMA)* da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Esporte – PROECE - UFMS/Campo Grande, 2024.

**DURAN, Maria Raquel da Cruz.** *O que nos ensinam os desenhos Ejiwajegi/Kadiwéu?* [recurso eletrônico]. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br>. Acesso em: [data de acesso faltante].

**DUTRA, Mariana Ratts.** *Curadoria compartilhada na experiência de mediação cultural no Museu de Arte Contemporânea do Ceará.* 2014. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Pernambuco / Universidade Federal da Paraíba, Recife.

**FERREIRA, Rejiane Platero.** *O Museu das Culturas Dom Bosco: história, identidade e potencialidades de desenvolvimento local na educação básica.* 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande.

**GEERTZ, Clifford.** *A interpretação das culturas.* São Paulo: LTC, 1989.

**GOLDSTEIN, Ilana Seltzer.** *Do ‘tempo dos sonhos’ à galeria: arte aborígine australiana como espaço de diálogos e tensões interculturais.* 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

**GONÇALVES, José Reginaldo Santos.** *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios.* Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2007. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3753385/mod\\_resource/content/1/GON%C3%87ALVES.%20antropologia\\_dos\\_objetos\\_V41.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3753385/mod_resource/content/1/GON%C3%87ALVES.%20antropologia_dos_objetos_V41.pdf). Acesso em: 7 maio 2024.

**IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** *Censo Demográfico 2022: População e domicílios – Primeiros resultados.* Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=BR&tema=4>. Acesso em: 15 maio 2024.

**INGOLD, Tim.** *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais.* Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, jan./jul. 2012.

**KIGA, Neimar Leandro Marido.** *Pinturas faciais Boe: máscaras sociais da identidade e alteridade de um povo.* 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

**MORPHY, Howard.** *Becoming art: exploring cross cultural categories.* Sydney: University of South Australia Press, 2008.

**OLIVEIRA, João Pacheco de.** *O retrato de um menino Bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus, séculos XIX e XXI.* Tempo, v. 12, n. 23, p. 73-99, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/W49HmJhNTMDPYrGgBL3zd4x/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 maio 2024.

**PRIMO, Judithe S.** *Pensar contemporaneamente a museologia.* In: **MOUTINHO, Mário** (Coord.). *Museologia: teoria e prática.* Cadernos de Sociomuseologia, v. 16, n. 16, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, [s.d.].